



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



**VANESSA MOREIRA AMORIM LOPES**

**MEMÓRIAS DE UM PASSADO PRESENTE:  
SONHOS E CONQUISTAS DE UMA PROFESSORA PARANAENSE**

**Buritis/RO  
2017**

**VANESSA MOREIRA AMORIM LOPES**

**MEMÓRIAS DE UM PASSADO PRESENTE:  
SONHOS E CONQUISTAS DE UMA PROFESSORA PARANAENSE**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e com o Polo de Buritis/RO, como pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação da Profa. Dra. Edna Maria Cordeiro.

**Buritis/RO  
2017**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015  
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



## MEMÓRIAS DE UM PASSADO PRESENTE: SONHOS E CONQUISTAS DE UMA PROFESSORA PARANAENSE

**VANESSA MOREIRA AMORIM LOPES**

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

---

**Profa. Dra. Márcia Machado de Lima**  
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca avaliadora:

---

Presidente: Profa. Dra. Edna Maria Cordeiro

---

Membro: Prof. Dr. Robson Fonseca Simões

---

Membro: Profa. Esp. Tharyck Dryely Nunes Rodrigues

**Buritis, 03 de dezembro de 2017.**

**Aos meus três filhos, razões do meu viver e motivos para seguir em frente, apesar de todas as barreiras encontradas.**

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, em primeiro lugar;

A meu esposo Manoel, com todo carinho;

A meus três filhos e companheiros, Welber Felipe, Emanuely e Emilly Christiny,

Aos colegas de curso, principalmente minha amiga Greciele, com quem compartilhei dúvidas e certezas.

**Me movo como educador porque,  
primeiro, me movo como gente.**

**Paulo Freire.**

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO.....</b>   | <b>8</b>  |
| <b>1. UM COMEÇO E MAIS UMA MUDANÇA.....</b>                        | <b>10</b> |
| <b>2. INFÂNCIA E ADOLECÊNCIA: ESCOLA, SONHOS E REALIDADES.</b>     | <b>12</b> |
| <b>3. MAGISTÉRIO: SONHO ADIADO, MAS NUNCA ESQUECIDO.....</b>       | <b>16</b> |
| <b>4. SER PROFESSORA: LUTAS E DESAFIOS.....</b>                    | <b>18</b> |
| <b>5. UNIVERSIDADE: MAIS UMA ETAPA NECESSÁRIA.....</b>             | <b>21</b> |
| <b>5.1. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIA QUE VALE À PENA...</b> | <b>23</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                   | <b>29</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>31</b> |

## APRESENTAÇÃO

Como em todo curso de graduação há um trabalho de conclusão no final, confesso que estava muito apreensiva sobre o tema que iria pesquisar e desenvolver, sendo que até então, nada havia sido esclarecido sobre o tipo de trabalho que deveríamos fazer até o momento em que ficou tudo esclarecido através da leitura do material referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) organizado pela professora Walterlina Brasil<sup>1</sup>, o qual informava que o TCC deveria ser voltado ao memorial de formação. Fiquei mais tranqüila, pois o memorial é de certa forma uma autobiografia, mas ao mesmo tempo pensei: o que pode ser dito de interessante num memorial de uma pessoa tímida que levou uma vida simples, sem grandes alegrias e com a memória, que julgo um pouco debilitada?

A memória apresenta-se como a possibilidade de se dispor das idéias, impressões e conhecimentos passados que, de algum modo, estão disponíveis para ser evocados. ‘A memória parece ser constituída, por duas condições ou momentos distintos: 1º - conservação ou persistência de conhecimentos passados que, por serem passados, não estão mais à vista – memória retentiva; 2º - possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado e torná-lo atual ou presente – a recordação’ (ABBAGNANO, 2000, p.657).

Dessa forma, é possível perceber que a memória pode ser interpretada de diferentes formas, o que me fez pensar sobre o que vem a ser cada relato que deixarei exposto nesse memorial. Depois de muito pensar, organizei algumas idéias e deixo aqui uma parte de minhas memórias. Pretendo expor lembranças do meu passado referente à infância, adolescência, a vida acadêmica e de profissional da educação.

Conto sobre minha paixão pelos estudos; o sonho de ser professora desde a infância; o sonho adormecido devido à timidez e a falta de oportunidade de estudos; o meu ingresso inesperado na educação, e, por consequência, a formação acadêmica na qual tive a possibilidade de confirmar a prática trabalhada através da teoria estudada. Ainda apresento relatos em relação à mudança de pensamentos e atos cometidos na educação - ao longo dos anos - buscando estabelecer uma relação harmoniosa entre a prática e a teoria.

---

<sup>1</sup> Walterlina Brasil: Professora da UNIR, responsável pelas disciplinas relacionadas a Pesquisa e ao TCC.

Para Borssoi, a articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p.22).

É importante destacar aqui o quão se faz necessária a realização da prática no período em que se estuda a teoria, ou vice-versa, pois assim é possível que se identifique os pontos positivos e negativos entre o que se é escrito e o que é vivido, pois dependendo da realidade local, nem tudo que se lê pode ser praticado, mesmo assim a teoria está ali para servir de reflexão e apontar um possível caminho a ser seguido.

## 1. UM COMEÇO E MAIS UMA MUDANÇA

Eu sou a terceira filha de quatro irmãos, nascida no ano de 1980, na cidade de Assis Chateaubriand, Paraná. Meu pai é mineiro da cidade de Ferruginha e minha mãe é paranaense, filha de baianos. Não tenho recordações de minha cidade natal, pois lá vivi apenas um ano de minha vida.

Meu pai sempre sonhou em possuir um pedacinho de terra própria para plantar e colher, então viu em Rondônia, até então denominada como Território, a chance de possuir a tal sonhada terra. Por esse motivo saímos do Paraná em 1981 - rumo a Rondônia - possuindo como bagagens apenas a esperança de uma vida melhor.

A migração, que chegava ao então Território de Rondônia, a partir de 1970, e aumentava gradativamente, teve seu auge entre 1975 a 1985. Foi nesse período que ocorreu a ocupação por pessoas vindas de diversas regiões do país e de Rondônia, principalmente próximo ao setor de Rolim de Moura e na região de Alvorada do Oeste. Para regularizar a região o INCRA, novamente intervém.

A partir de 1981, o INCRA implanta projetos de assentamentos rápidos – PAR em Urupá em julho de 81, em Machadinho em 1982, em 1983 na região do Guaporé que proporciona o surgimento das cidades de Seringueiras e São Miguel. E em 1984 foi implantado o de Cujubim, onde se distribuiu áreas rurais de tamanho médio de 50 há e se deu a origem à cidade de Cujubim (PALITOT, 2015, s/p).

Nesse período, ao chegarmos aqui em RO, meu pai já se inscreveu no INCRA para que pudesse ser beneficiado com um pedaço de terra, mas a sorte não nos sorriu. Cada vez que ficava sabendo que haveria distribuição de terras ficava na expectativa de ter seu nome contemplado, mas esta não foi à vontade de Deus. Em busca de melhores condições de vida, moramos em diversas cidades como Cacoal, Urupá, Colorado e Vale do Paraíso.

Como se pode perceber, muitos sonhos são feitos para serem sonhados, nem sempre vividos; desse modo, acompanhei a luta diária de minha família - mesmo de modo inconsciente - durante dez anos, buscou uma melhor qualidade de vida. Meus pais durante esse tempo trabalhavam com a terra, mas tudo o que plantavam e colhiam era a meia com o patrão, sendo que morávamos, na maioria das vezes, em barracos cobertos com palhas de coqueiros ou taboinhas, e como era de se esperar, o sonho da terra própria não foi realizado naquele período, ficando adormecido por uns tempos, pois,

meus pais, já cansados, resolveram mudar de estado e tentar a sorte como assalariados em Mato Grosso. Então no ano de 1991 partimos de mudança rumo à cidade de Jauru – MT, pois lá residiam meu avô e tios.

Meu pai vendeu tudo o que possuía; ou seja, alguns porcos, galinhas e cinco vaquinhas. O resto da mudança conseguiu ensacar tudo e levar no bagageiro do ônibus. Eu, particularmente estava feliz, conheceria outros lugares e sonhava com uma vida melhor. De Jauru mudamos para Pontes e Lacerda – MT, onde meu pai trabalharia numa fazenda de seringas. A vida para nós começou a melhorar, sendo que após onze anos vivendo em condições não muito agradáveis, agora nesta fazenda morávamos em uma boa casa, tinha luz elétrica e água encanada.

Ficamos nessa fazenda em Pontes e Lacerda até 1994, quando então, mudamos para São José do Rio Claro - MT, denominada na época como a capital da borracha. Nesta cidade, morando na zona rural e passei a trabalhar como seringueira junto com meu pai e irmãos; e dessa forma sempre trabalhando em conjunto, conseguimos economizar pouco a pouco. Em 1999 meu pai voltou aqui em RO, mais especificamente nesta região de Buritis, onde havia terra barata, assim finalmente, comprou o seu tão sonhado sítio.

## 2. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: ESCOLA, SONHOS E REALIDADES

Iniciei minha vida escolar com seis anos de idade, mas antes já acompanhava meus irmãos mais velhos em seus estudos. Como sempre morei na zona rural, não tive a oportunidade de fazer pré-escola, na verdade nem sabia o que isso significava. Em casa, meu pai, de vez em quando, tirava um tempo na hora do seu descanso para contar estórias para meu irmão caçula, e nesse momento todos nós nos reuníamos a sua volta para ouvir a estória da **Onça e o Macaco, João e Maria**. Eram historinhas contadas, por vezes inventadas, mas divertiam muito. Meu irmão caçula as vezes se assustava, mas ao final sempre pedia para contar de novo, era só ouvir “era uma vez” e o silêncio era total.

Nesse tempo o acesso a livros de leitura, jornais ou revistas era muito difícil, mesmo assim sempre fomos motivados a praticar a leitura desde cedo, através da bíblia a qual sempre fez parte da família ou através das estórias inventadas, as quais me levaram a querer aprender a ler para assim conhecer várias outras.

O ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p.9).

Ao dormir, minha mãe nos ensinava uma oração, e hoje vejo que naquele momento as únicas certezas que existiam em nossa vida era o amor de meus pais e a existência de Deus em nosso humilde lar. Assim, aprendi que o mais importante na vida não é a quantidade de bens que se tem, mas sim viver de forma digna e com honestidade, levantar cedo e ter um objetivo na vida, buscar e dar valor ao lar que se tem juntamente com a família, e que através das estórias e leituras praticadas em família é que se iniciou em mim o gosto pelos estudos e a busca pela realização de um sonho.

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente do saber ensinado, em que o objeto é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p.26).

Como havia dito antes, em 1987 já quase completando sete anos de idade estava preparada para iniciar o meu primeiro dia de aula. Nessa época estava morando em Vale do Paraíso que era ainda distrito de Ouro Preto do Oeste – RO. A escolinha situada na linha 200, se chamava “Boa Esperança”, ela era multisseriada e foi nela que estudei até a 4ª série. Da professora, só tenho boas lembranças, o nome dela: Maria Andrade. Primeiro dia de aula, apenas uma sacolinha na mão, ansiedade e muita timidez era o que sentia. Quando digo apenas uma sacolinha na mão é porque naquele tempo as escolas recebiam materiais escolares para distribuírem aos alunos e como não tínhamos condições de comprar outros melhores, a felicidade do momento era receber esses materiais das mãos da professora.

Comecei a freqüentar a escola no período da manhã, a professora muito carinhosa e paciente transmitia segurança a uma menina tímida que mal tinha coragem de dizer seu próprio nome. Lembro como se fosse ontem, a escolinha feita de assoalho, mesas grandes as quais poderiam ser utilizadas por mais de um aluno. E o que dizer da merenda? Que delícia! A merenda escolar daquela época não se sabe se era a mais saudável, mas com certeza era a melhor ao meu paladar, sem contar que era a própria professora, com auxílio dos alunos, quem preparava.

Recebi a minha primeira cartilha. Quantos desenhos, quantas letras. E eu vendo os colegas maiores lerem aqueles textos de forma clara e sem interrupções, queria ler também, sem gaguejar. A cada página da cartilha havia uma letrinha diferente e uma música na qual cantávamos para memorizar a letrinha e sua família silábica. Por ser muito tímida, não tinha coragem de cantar nenhuma cantiga, mas prestava atenção em tudo o que me rodeava já que não conseguia fazer perguntas sobre a tarefa ou qualquer outro tipo de questionamento.

A professora seguia o modo tradicional de ensinar, mas percebo através dessa reflexão que o modo como ensinava nunca impediu que eu tivesse uma boa educação e aprendesse tudo o que foi essencial para prosseguir meus estudos com segurança e entusiasmo, pois ela sabia cativar a todos com seu carinho e sua paciência.

A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 1996, p.53).

É importante destacar aqui, o quanto o afeto dedicado pela professora, auxiliou na minha vida escolar, sabendo que a meu ver, a sua dedicação estava voltada para o aprendizado do aluno, não deixando que o afeto interferisse em suas atitudes de professora.

Os meses foram passando e a cada dia eu aprendia um pouco mais, nunca tive dificuldades nos estudos, mas lembro que alguns colegas decoravam a lição de tanto que a professora insistia em sua leitura para que eles pudessem passar para a próxima família silábica. Dessa mesma forma prosseguiram meus estudos, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> série, mesma professora, mesma metodologia e eu um pouco menos tímida em relação ao ambiente.

Quando se falava em profissão não tinha dúvida - “professora” - é claro. Gostava de todas as matérias, mas o meu forte mesmo era Matemática. Meus colegas diziam que a professora “puxava meu saco”, pois só tirava dez, o que não era verdade, pois, a meu ver, nunca houve distinção entre o ensinar ou aprender de cada um.

Concluí o primário naquela escola rural e no ano seguinte iria estudar a 5<sup>o</sup> série no projeto Vale do Paraíso, que nesse tempo ele ainda era município de Ouro Preto do Oeste. Dessa forma para podermos estudar, andávamos vários quilômetros todos os dias a pé, pois não havia transporte escolar. Acho que não cansávamos muito, pois afinal de contas “éramos crianças”. Mas essa rotina diária não durou mais do que seis meses, sendo que com a mudança de um estado para o outro, acabei concluindo a 5<sup>o</sup> série em Lucialva, um projeto que pertencia a Jauru - MT.

Logo de início fiz uma grande amiga a qual me ajudou a adaptar melhor naquele novo ambiente no qual começávamos a viver. Saudades daquele tempo em que minha preocupação maior era o estudo. Eu pensando nos estudos e meus pais tentando se adaptar naquela nova terra. Na 7<sup>o</sup> série eu já estava morando na cidade de Pontes e Lacerda – MT, em uma fazenda chamada Triângulo. De lá havia ônibus escolares que nos levavam à cidade para estudarmos.

Quando já estava cursando a 8<sup>o</sup> série, meu pai decidiu que mudaríamos novamente de cidade. Como estava no meio do ano acabei perdendo aquele ano letivo, pois fomos morar em uma fazenda muito distante da cidade. Fiquei triste, pois até então nunca havia perdido um ano se quer de estudo. Viver nessa fazenda não foi muito fácil, então após alguns meses de experiência mudamos novamente, dessa vez foi para um sítio bem perto da cidade de São José do Rio Claro – MT, onde voltei a estudar, só que

desta vez, no período noturno. Desde quando aprendi a ler e a escrever, de tudo eu gostava, exceto quando era para fazer uma redação. Oh coisa complicada... Acho que é por isso que passei a alimentar a idéia de cursar Matemática, isso porque pensava que não era preciso escrever dissertativas. Mas tarde descobri que era um mero engano.

### 3. MAGISTÉRIO: SONHO ADIADO, MAS NUNCA ESQUECIDO

Conclui a 8ª série na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São José do Rio Claro, na cidade de São José do Rio Claro – MT. A minha vontade de sempre era cursar no ano seguinte o Magistério, mas qual foi minha sorte, a última turma de magistério daquela cidade havia tido início um ano antes, ficando eu sem opção para a docência naquele momento, pois sabia que não teria condições, posteriormente, de cursar uma faculdade. Então, sem mais opções cursei o “Propedêutico” hoje denominado Ensino Médio.

Mesmo não sendo o curso esperado minha gana pelos estudos ainda era enorme, iniciei o 1º ano em 1997, quando morava em uma fazenda com meus pais e tinha como profissão “seringueira”. Confesso que não foi fácil conciliar esse trabalho com os estudos, pois trabalhava o dia inteiro e estudava no período noturno; só que o ônibus escolar nos levava muito cedo para a cidade em que estudávamos mesmo sendo esta muito perto. A cidade de São José era considerada naquele tempo a “Capital da borracha”, mas dentro de mim havia certo preconceito em realizar esse trabalho, pois a borracha possui um cheiro muito forte e isso fazia com que me afastasse ainda mais dos colegas de turma. Os professores eram muito bons, mas não havia nada que me estimulasse a seguir a profissão que havia escolhido desde a infância.

No ano seguinte, comecei a cursar o 2º ano, sempre tímida, poucos ou quase nenhum amigo. Sempre dedicada, mas cansada por causa da rotina do trabalho na fazenda e o estudo noturno, pensei em desistir, mas naquele momento concluir o Ensino Médio era a única opção que me restava. Minhas notas eram boas, a leitura também, mas a comunicação com os demais deixava muito a desejar.

Hoje fico pensando: como eu poderia querer ser professora se até então vivia isolada dentro de mim?

O que fazer quando se tem vários colegas a sua volta e você se sente só, desconectada de todos, sem assunto e sem graça?

Era o que eu sentia a todo o momento, mas inconscientemente já sabia que “[...] a verdadeira comunicação exige o diálogo [...] que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 1983, p. 67). Diálogo que também é necessário na educação. E sendo “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de

saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados” (*ibidem* p.69).

Nesse ano fiz uma grande amiga. Não sei se foram às circunstâncias, o fato é que sempre tive facilidade em aprender matemática e por esse motivo acabei dando aulas particulares para essa colega de turma, evitando que esta viesse a repetir o ano. Lembro claramente do prazer em ensiná-la, repassava tudo o que aprendia na escola para ela, mas lembro que muitas vezes perdia a paciência e falava alto com ela, não compreendia o porquê não conseguia assimilar aqueles cálculos que para mim eram tão fáceis. Meu sonho desde sempre era ser alfabetizadora, porém a essas alturas o meu pensamento estava voltado à matemática. Sempre pensava no meu íntimo: *Um dia serei professora de matemática...*

O tempo foi passando, e como havia dito antes, no coração de meu pai nunca se apagou o sonho de possuir um pedacinho de terra para plantar e colher, por isso o objetivo principal da família, durante alguns anos, foi trabalhar unidos e fazer economias sempre.

Quando estava terminando o terceiro ano, meu pai decidiu que voltaria para Rondônia e compraria um pedaço de terra. Passou a conhecer a região de Buritis, gostou e voltou para Mato Grosso dizendo que aqui em Rondônia eu iria lecionar em uma escolinha situada na linha em que iríamos morar. Meu coração dizia que sim, que era possível, mas minha cabeça não estava segura, pensava sempre: *Não estou preparada. Não sei como lidar com as crianças e de que maneira ensiná-las.*

#### **4. SER PROFESSORA: LUTAS E DESAFIOS**

Depois de dez anos vivendo em Mato Grosso, no ano de 2000 decidi acompanhar minha família de volta à Rondônia, só que desta vez meu pai não iria trabalhar na terra de outros e sim em sua própria terrinha. Para ele não importava sua idade, mas sim sua vontade e disposição em cuidar de um lugar que seria seu por direito, mas ao chegar à região de Buritis fiquei assustada ao me deparar com tanto barro nas ruas e mais preocupada ainda, ao saber que deveríamos seguir por mais 30 km até chegar ao destino final.

Como era de se esperar, o caminhão com a mudança não conseguiu chegar ao destino final, então de pés descalços, amassando muito barro, carregamos a mudança nas costas até chegar ao nosso barraco. No dia seguinte, chorei de tristeza ao me ver rodeada de mato, sem amigos e pensando em minha mãezinha que havia ficado para trás em virtude da saúde de meu irmão caçula, que deveria ser operado para repor uma veia do coração que estava obstruída.

A ideia de lecionar naquela linha estava de pé, pois havia crianças que caminhavam até oito quilômetros para estudar na escolinha mais próxima, mas enquanto isso não acontecia, enfrentei com meu pai e meu irmão a lida diária de limpar a terra e plantar café. Em alguns meses já estava preparada para iniciar mais uma etapa em minha vida, ser professora. Será?

O que eu estava tentando preparar mesmo era meu lado psicológico, pensando sobre o que fazer e como fazer.

[...] pensar na formação do professor envolve, assim, capacitá-lo, dentre outras coisas, para lidar com o conflito resultante do confronto entre os saberes diversificados dos diferentes grupos sociais que frequentam a escola, e aquele saber sistematizado presente em um determinado momento histórico-social e que a escola se propõe a transmitir (DAMASCENO; SILVA, 1996, p. 20).

A região que moro até hoje pertence a Campo Novo de Rondônia e como 2000 era um ano político, não foi difícil abrir essa escola que na verdade era muito necessária aquela comunidade. “Escola”, se é que se pode ser chamada assim, uma vez que o prédio em que comecei a lecionar era simplesmente uma barraquinha já construída no pátio da igreja, contendo apenas uma cobertura de taboinha. Os pais dos meus

futuros alunos estavam felizes, pois seus filhos não mais andariam tanto para freqüentar uma escola.

Para buscar alguns livros didáticos enfrentei, de motocicleta, 90 km de estrada em péssimas condições até a sede do município. Voltei para casa com uma caixinha de livros e a esperança de poder amenizar o sofrimento daquelas crianças.

Uma semana depois estava eu com 18 alunos, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série, tudo no mesmo horário, crianças sorridentes, apesar das dificuldades que viviam naquele local e eu aparentemente segura de todo o processo educativo que começava a enfrentar. Não havia muito o que fazer, mas fiz tudo o que pude e o que sabia fazer por conta própria. Não havia quadro de giz, apenas um livro e uma caneta na mão faziam parte dos materiais pedagógicos existentes.

Durante um ano e meio a única orientação que tive na escola foi sobre como fazer os diários. Às vezes me transportava no passado me recordando da escolinha que freqüentei até concluir a 4ª série. Quando se é aluno, a gente não consegue enxergar os desafios enfrentados diariamente pelos professores, mas com o tempo tive a chance de refletir os fatos e tirar lições de vida valiosas. Lembrei-me do carinho de minha primeira professora, sua paciência e dedicação que em muitos casos fazia toda a diferença. Não conseguia perceber qual o papel do educador em uma sala de aula, como ajudar a construir àquilo que seria necessário a boa formação prática e social de cada aluno.

O papel do educador não é propriamente falar ao educando, sobre sua visão de mundo ou lhe impor esta visão, mas dialogar com ele sobre a sua visão e a dele. Sua tarefa não é falar, dissertar, mas problematizar a realidade concreta do educando, problematizando-se ao mesmo tempo (FREIRE 1998, p. 65).

Na verdade não havia muito que fazer naquelas condições em que trabalhava, mas hoje percebo que deveria haver mais diálogo e troca de experiências de ambas as partes, sendo que o diálogo mais que um instrumento do educador é uma exigência da natureza humana (FREIRE, 1998). Sem perceber a importância do diálogo para o ato educativo minha metodologia, naquele momento, estava mais centrada na exposição oral dos conteúdos, cópias e correções.

Após esse período de experiência própria com a docência foi aberto um Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), o qual os professores leigos do município tiveram a chance de cursar. Assim voltei a estudar,

pensando que “ninguém sabe tudo. Ninguém ignora tudo. Todos nós sabemos algumas coisas. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (FREIRE, 2000, p. 69).

A missão de realizar o Programa de Formação de Professores em Exercício (Proformação) no período de dois anos não foi fácil, pois a escola em que lecionava se situava muito longe da sede do município. Nesse tempo já estava casada e encontrei em meu esposo um companheiro de luta que me apoiava e me acompanhava todo momento.

O curso era feito por módulos e a cada quinze dias se concluía um livro através da leitura e atividades feitas. Também havia o encontro presencial nesse período, no qual podíamos interagir, apontando os acertos e dificuldades encontradas em cada período. Como o próprio nome já diz “Programa de Formação de Professores em Exercício”, havia um tutor que vinha a cada quinze dias nos fazer uma visita na escola a fim de nos avaliar e nos dar dicas de como tirar proveito desse estudo. Foram dois anos de sofrimento, mas que valeu a pena. Quando digo sofrimento não me refiro simplesmente ao estudo e sim à distância que separava a escola na qual trabalhava da sede do município.

Tirei grande proveito desse curso, não que ele me ensinou a ser professora, mas sim por me permitir ser mais ativa e comunicativa com as pessoas, coisa que a timidez me impedia e, de certa forma, me impede até hoje. Através desse curso recebi muitas dicas de como cativar o aluno em sala, o que fazer para que ele possa aprender e também expor para os demais aquilo que ele já traz como experiência própria.

Após concluir o Proformação, já não era mais leiga e sim uma professora magisteriada; pude então prestar concurso público para o município em 2005, no qual passei, sendo convocada no ano seguinte. Continuei trabalhando na mesma escola, com os mesmos alunos, mas com o pensamento sobre educação um pouco mais evoluído.

## 5. UNIVERSIDADE: MAIS UMA ETAPA NECESSÁRIA

Após cursar o Magistério já trabalhando em sala de aula tive a sensação que seria só até ali mesmo que conseguiria chegar, pois já tinha um lindo filho, continuava morando no mesmo local, onde ainda não havia luz elétrica e muito menos acesso a *internet*. Nessas condições, um curso superior presencial estava fora de cogitação tanto pelo valor a ser pago, quanto pela dificuldade de acesso ao local de estudo. Segui nesse impasse até 2010 quando prestei vestibular na Universidade Federal de Rondônia (UNIR), para o curso de Pedagogia a Distância, no qual fui selecionada, sendo difícil acreditar que havia sido classificada dentro das vagas existentes, pois havia muitos concorrentes.

O fato é que finalmente seria uma professora graduada, não que essa graduação fosse fazer toda a diferença no meu modo de ensinar, mas com certeza faria com que fosse mais bem vista pela sociedade, sabendo que, aos olhos de muitos, um diploma nas mãos conta mais que uma experiência adquirida durante anos. Estava feliz, pois além de a sociedade nos cobrar um diploma esse também era meu sonho, ser uma professora formada, mas não posso deixar de registrar:

O professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos (TARDIF, 2002, p.39).

Fiquei doze anos trabalhando em uma escola multisseriada e em péssimas condições, por muitas vezes cheguei ao ponto quase desistir da profissão, pensava: será que é isso mesmo que quero para minha vida? Cheguei a ficar depressiva, não conseguia lidar naturalmente com as divergências que geralmente aconteciam em sala de aula, entretanto foram situações que acabaram sendo desfeitas pelo tempo, pois a vida de um professor é cheia de altos e baixos e não podemos nos deixar abater mediante aos obstáculos encontrados.

Fiz a matrícula na UNIR em 2011, e quando tivemos o encontro de abertura presencial, a professora muito nos estimulou, fazendo com que nos sentíssemos verdadeiros universitários, o que não durou por muito tempo, pois esta logo em seguida por motivos que não sei ainda explicar, paralisou todas as atividades existentes, nos

deixando sem rumo e sem reação. Nesse período de espera ao retorno das atividades na UNIR, tive a feliz sorte de prestar vestibular na Universidade Claretiano, no qual eu pretendia cursar a licenciatura em Matemática, um sonho que há muito tempo vinha sendo alimentado em meus pensamentos, foi uma chance única, pois cursar Matemática à distância não é algo que as pessoas querem ou conseguem, por isso é muito difícil formar turmas. Agarrei essa oportunidade com muito entusiasmo e vontade de vencer. Iniciei o curso de licenciatura em Matemática em agosto de 2012, nessas alturas já havia desistido da pedagogia que até então estava paralisada e sem data prévia para retorno.

No segundo semestre de 2013 fiquei sabendo que os cursos da UNIR voltariam. Pensei muito na possibilidade de desistir de vez de ser pedagoga, mas uma pequena chama dentro de mim não quis se apagar fazendo com que eu me lembrasse sempre desses treze anos em sala de aula trabalhando com o ensino fundamental. Algo me dizia, a todo o instante, que eu deveria arriscar, pois sabia que não seria em vão ampliar meu nível de conhecimento e de prática em sala de aula. Dessa forma, analisando a divisão existente entre quem produz e quem transmite os conhecimentos,

[...] talvez se possa pensar que a valorização dos saberes da experiência, dos saberes docentes de um modo geral, seja uma alternativa no sentido de buscar uma maior aproximação da formação acadêmica com a realidade escolar, estreitando os vínculos na relação entre teoria e prática (BORGES, 1995, p.14).

Não foi fácil conciliar no período de dois anos as duas faculdades, mas também não foi impossível, apenas dei o meu melhor, pois quando se deseja algo com muita intensidade, nada é impossível. Hoje sou graduada e pós-graduada em Matemática, mas continuo trabalhando com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e é por isso que hoje agradeço a vários incentivos recebidos para não desistir da pedagogia, pois o que aprendi durante o curso foi e está sendo de grande valia para a minha formação e atuação como professora.

Aprendi muito com a disciplina sobre Educação Infantil e também com o estágio supervisionado, sendo que depois de muitos anos em sala de aula, tive a oportunidade de acompanhar outros professores em suas atividades diárias, podendo assim analisar a minha própria prática docente fazendo comparações e buscando sempre melhorias para meus alunos.

## 5.1. ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIA QUE VALE A PENA

O estágio supervisionado compõe um item importantíssimo na formação de um professor, pois através dele se torna possível fazer a relação entre a teoria estudada e a prática vivida.

É a partir dos saberes práticos ou experienciais que os professores expressam seus próprios valores, juízos e sua concepção de ensino, realizam julgamentos, interpretam, compreendem e projetam suas próprias ações em sala de aula, pois somente assim serão capazes de modificar, adequar ou reafirmar as escolhas por determinada postura e sobre sua interação com os demais sujeitos em sala de aula (SILVA, 2009, p.26).

Apesar de já estar em sala de aula há vários anos e pensar não ser preciso realizar estágio, notei após vivenciá-lo, o quanto foi necessário à minha formação, pois, pude ganhar experiência ao estar observando outros docentes em sua prática diária. Observei e também fiz comparações com aquilo que eu já vinha praticando. Notei dentro de mim que havia atitudes que deveriam ser mudadas, mas também atitudes que deveriam ser permanecidas.

- **Educação Infantil**

*Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem (DRUMMOND).*

A escola que atende a educação infantil é um espaço de cuidado e respeito que precisa estar preparada para atender essas crianças dando todo o suporte possível para que elas possam ser acolhidas e protegidas. Ela deve proporcionar às crianças as diferentes formas de linguagem e aprendizagem para que elas possam se desenvolver e se sentir parte da sociedade em que estão inseridas.

A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto o leva a sua perfeição. A educação, portanto implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém (FREIRE, 2003, p.14).

Isso mostra que a escola precisa proporcionar meios para que o educando possa trilhar seu próprio caminho de acordo com sua aptidão e interesse.

Trabalhar com a educação infantil não é algo que chama muito minha atenção pelo fato de estar acostumada ao trabalho com o ensino fundamental, não o infantil. Por isso mesmo digo que foi uma experiência necessária a minha formação de pedagoga.

Aprendi muito com a disciplina de Educação Infantil, a qual me fez entender o caminho que deve ser trilhado ao trabalhar com essa etapa de ensino. É fato que a escola é um lugar propício a se estabelecer relações e experiências essenciais para esse tipo de aprendizagem e as crianças, nesta fase de educação, necessitam mais ainda de alternativas metodológicas variadas para que sua aprendizagem possa acontecer de maneira significativa.

É importante saber que a Educação Infantil evoluiu muito com o passar do tempo, sendo que esta foi pouco a pouco construída conforme novos conceitos foram surgindo a favor das crianças e também das necessidades enfrentadas pelas famílias.

Sabemos que até a evolução industrial, o ato de cuidar e educar as crianças eram tarefas exclusivas das mães, mas no momento em que estas passaram a trabalhar reivindicaram creches para que seus filhos pudessem ser cuidados enquanto trabalhavam.

A evolução da Educação Infantil não ocorreu de um dia para o outro, foi um processo longo, mas sempre amparado por leis. Após a definição do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), o espaço que era apenas para guarda das crianças e o profissional era apenas cuidador ou recreacionista, passa a serem integradas as funções de educar e cuidar, quando o papel do profissional é ser professor (BRASIL, 1998).

Essa evolução foi muito importante para todos, pois a criança deixou de ser vista como um ser que não aprende nada na infância e passou a ser vista e respeitada como um ser que tem capacidades de pensar e se desenvolver física e mentalmente de acordo com os estímulos que são passados a ela diariamente.

Dentre as alternativas metodológicas que podem ser utilizadas com a educação infantil, destaca-se o lúdico. O lúdico é uma ferramenta metodológica que pode ser utilizada para auxiliar as crianças a interpretar e conhecer o mundo. Ele envolve a criança dentro de um convívio social, no qual ela passará a conhecer e respeitar a regras sem que estas se tornem um fardo por aprendê-las enquanto brinca.

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial determinada através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz (VYGOTSKY, 1984, p.97).

Durante a observação e a regência em sala de aula, percebi que tudo o que é estudado em pedagogia sobre a educação infantil se torna um pouco mais complexo quando vivido na prática, pois cada aluno tem a sua forma de pensar e compreender o mundo a sua volta. Percebi também que a professora da turma utilizou muito a forma oral a fim de produzir conhecimento, diagnosticando aquilo que o aluno já sabia sobre o tema a ser estudado desafiando-os sempre.

As conversas informais são comuns na rotina e contribuem para estabelecer afetividade no grupo, oferecendo importantes elementos e informações para que o professor possa conhecer melhor a sua turma e planejar novas situações a partir das necessidades e interesses das crianças (GODOY, 2011, p. 53).

Confirmei através do estágio o quanto é importante valorizar aquilo que o aluno já sabe e que observar e refletir são atitudes essenciais para se realizar um bom planejamento. Realizar a regência na educação infantil me possibilitou vivenciar novos desafios e também confirmar aquilo que é estudado na teoria, ao lembrar que somos mediadores na construção do conhecimento de cada aluno. Percebi, ainda, que as crianças ao serem elogiadas em seus trabalhos escolares tendem a caprichar mais, realizando as atividades de forma mais completa.

Realizar o estágio supervisionado na educação infantil foi muito gratificante; uma experiência única, pois a cada etapa vivida, novas descobertas foram feitas, proporcionando a aproximação da teoria com a prática pedagógica, me dando a oportunidade de crescer profissionalmente. Nesse período de experiência pude conviver com os profissionais da área, compartilhando assuntos relacionados ao aprendizado do aluno e isso foi muito enriquecedor.

As situações ocorridas em sala de aula me levaram a refletir sobre a melhor maneira de resolver os conflitos existentes, sabendo que há sempre aquele aluno que necessita de um cuidado mais especial, fazendo com que ele se sinta parte do grupo, criando oportunidade de aprendizado afim de que possa se desenvolver integralmente.

Durante o estágio, principalmente na regência, procurei desenvolver atividades que prendessem a atenção dos alunos, percebendo que com carinho e dedicação as trocas de aprendizagem entre docente e discente sempre terá seu lado positivo.

Essa experiência vivida me fez crescer como pessoa e também como profissional da área, pois acredito que contribuí com a aprendizagem das crianças, assim como estas também contribuíram na renovação de meus pensamentos e atitudes em relação à educação infantil. E foi justamente o que tentei fazer e deu certo, uma vez que as crianças desde pequenas já querem expor seus conceitos sobre as coisas, querem participar. Elas só precisam ser estimuladas para isso.

- **Ensino Fundamental**

A observação em sala de aula é um período muito importante e que deve ser bem aproveitado pelo estagiário, pois é através dela que traçamos as metas que desejamos alcançar, verificando aquilo que está de acordo com a teoria estudada, colocando o professor regente da sala como referência, tanto para imitá-lo como para produzir reflexões sobre as ações deste.

O ensino fundamental é uma área em que já trabalho há anos, então, ao realizar o estágio, o cuidado e compromisso foram constantes, tendo um olhar especial ao observar, participar e fazer a regência. Tudo isso por que queria ter a certeza de que estava no caminho certo ou o que poderia melhorar em minha prática docente a partir dessa experiência.

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 1996, p.18).

Notei que em mim estava faltando motivação para que assim pudesse motivar os alunos, então busquei isso dentro de mim, refletindo sempre sobre o tipo de educador que quero ser, pois no meu pensamento e prática o que buscava e busco são melhorias, começando pelas atitudes na escola e em sala de aula. Assim, como desejado, o estágio não foi apenas mais uma etapa na minha formação, ele deixou marcas e me auxiliou a refletir criticamente sobre o tipo de professor que quero e posso ser.

- **Gestão Escolar**

Ao realizar o estágio em Gestão Escolar percebi que o trabalho da equipe gestora é muito importante em uma instituição para que esta possa mostrar resultados positivos no que se refere ao bom andamento das atividades escolares, além de estar cada vez mais incluída na vida social da comunidade. Dessa forma, os gestores da escola devem ter um bom convívio social com toda a comunidade, sem esquecer que o aluno é o centro de todo trabalho realizado e as ações educativas devem ser pensadas e feitas pensando no melhor para eles.

Na realização desse estágio ficou claro que é preciso haver liderança em qualquer ambiente social e que essa habilidade fará com que o gestor possa encaminhar da forma mais adequada possível tudo o que diz respeito a sua função no ambiente escolar.

O coordenador pedagógico, que no caso é representado pelo supervisor escolar também precisa ser um líder na função em que atua, pois é ele que poderá acompanhar o trabalho dos professores, refletindo sobre os caminhos a seguir, pontuando sugestões, considerando os erros e acertos de cada um dentro da instituição, pois este precisa visar antes de tudo o sucesso na aprendizagem de cada aluno o qual é sujeito de todo o processo educacional.

O coordenador pedagógico é, primeiramente, um educador e como tal deve estar atento ao caráter pedagógico das relações de aprendizagem no interior da escola. Ele pode ajudar os professores “a ressignificar suas práticas, resgatando a autonomia sobre o seu trabalho sem, no entanto, se distanciar do trabalho coletivo da escola” (FREIRE 1982, p.52).

Nesse caso é importante saber se o supervisor escolar teve ou não experiência como docente, para que se possa concluir se o que ele pensa sobre o ensinar ou aprender tem relação com a realidade da sala de aula, pois aquele que nunca conviveu com alunos em uma sala de aula não pode saber, com certeza, se sua concepção de aprendizagem funciona na prática.

O estágio na gestão escolar aponta quão importante é o apoio do trio gestor na prática diária dos docentes, sendo que é através do diálogo e reuniões reflexivas com todos os envolvidos na aprendizagem do aluno que se alcançarão os melhores resultados. Percebi o quanto é importante conhecer na prática as atividades diárias do

trio gestor, sabendo que cada um possui uma importante função dentro da escola e que um complementa o outro no ato de auxiliar o processo de aprendizagem dos alunos.

Nesse período de experiência pude conviver com os profissionais da área compartilhando assuntos relacionados ao funcionamento de uma instituição escolar e o aprendizado do aluno e isso foi muito enriquecedor, sendo que as situações ocorridas dentro da escola me fizeram refletir sobre a melhor maneira de resolver os conflitos existentes, sabendo que dentro da gestão escolar não há esse ou aquele assunto mais importante, tudo o que se refere ao bom andamento das atividades escolares deve se dar especial atenção.

Essa experiência vivida me fez crescer como pessoa e também como profissional da área, pois acredito que contribuí com sugestões sobre assuntos relevantes à gestão escolar, assim como o trio gestor também contribuiu na renovação de meus pensamentos e atitudes em relação à educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial foi elaborado de modo descritivo reflexivo, a fim de expor a minha trajetória de vida pessoal e profissional com o objetivo de analisar o processo de formação acadêmica até o presente momento. Lembrando que a opção por ser pedagoga é algo que deve ser bem pensado, pois, é um compromisso que se assume com a educação e a sociedade, por isso, busco ter um bom relacionamento dentro e fora da sala de aula, considerando a importância do processo ensino aprendizagem.

Relembrar parte da trajetória de vida e docência foi algo que emocionou e me fez pensar mais no hoje. Fazer comparações pode nos ajudar a perceber o quanto somos especiais e necessários a algo ou alguém, ou simplesmente, o quanto deixamos a desejar durante toda a vida individual e profissional.

Nesse Memorial, procurei expressar minhas alegrias e até mesmo frustrações ao me deparar com fatos, que mesmo inconscientemente, causaram mudanças em minha vida e me fizeram querer buscar mais conhecimento. A alegria por perceber que há muitas pessoas ao meu lado, que também almejam por dias melhores na educação, por saber que há sempre alguém que me compreende, por ter colegas com quem dividir aquilo que é aprendido na teoria, testado na prática e compartilhados os pontos positivos e aqueles que precisam ser melhorados no ato educativo.

A formação em magistério obtido através do curso Proformação, a licenciatura e pós-graduação em Matemática, e agora a licenciatura em Pedagogia, me levaram a crescer como profissional da área escolhida. Apesar de achar que minha melhor formação em dezessete anos de docência fosse à prática obtida, anos após anos em sala de aula, através dos acertos e desacertos, pesquisas, leituras, escritas e borrões, percebi que a todo o momento há sempre algo novo para se aprender.

Só depois que tive acesso à teoria após anos de prática, compreendi o papel da criança na escola, quais são suas necessidades, seus anseios, e o valor que se deve dar ao mundo social dela; ou seja, valorizar o que ela traz consigo de casa, lembrando sempre que nenhuma criança vem para a escola sem nenhum conhecimento, e é este que no primeiro momento precisa ser considerado e trazido a prática pedagógica.

Aprendi que na educação é impossível caminhar sozinha, pois se isso acontece às mudanças deixam de existir. Também percebi muitas coisas ao realizar o estágio supervisionado, que antes achava desnecessário investigar, sendo a gestão democrática

uma delas. Através da observação e regência em gestão, diagnostiquei diferentes fatores que fazem com que o ensino aprendizagem flua de forma satisfatória na escola, em especial a importância da participação nas decisões escolares de todos os funcionários da instituição juntamente com a comunidade escolar.

Durante todo meu processo de formação, muitas teorias de ensino foram analisadas outras vivenciadas. Assim passei a entender que nem toda teoria é para ser seguida *a ferro e fogo*, podendo ser adaptada a realidade existente em cada sala de aula.

A escrita deste memorial me fez crescer como profissional que sou, pois afinal o que era antes já não mais o sou, uma vez que a reflexão escrita deixa marcas e toda vez que releio o que já escrevi, percebo que sou bem mais do que pensava ser.

Sou professora e isso não posso negar.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALBUQUERQUE, Mayra Prates; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; PORTO, Gilceane Caetano. **Memorial de formação escrito no decorrer da prática docente: aprendizagens sobre alfabetização e letramento**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v95n239/a05v95n239.pdf>> Acesso em: 10 out. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- \_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 33.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- GODOY, Bete. **Para além do cuidar na educação infantil**. Disponível em: <<http://paraalmdocuidar-educaoinfantil.blogspot.com/2010/10/roda-de-conversa.html> > Acesso em: 09 set. 2017.
- NUNES, Célia Maria Fernandes. **Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a03v2274.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2017.
- PALITOT, Aleks. **A colonização de Rondônia, terras de pioneiros**. Disponível em: <<http://www.newsrondonia.com.br/noticias/a+colonizacao+de+rondonia+terras+de+pioneiros/67590>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- PORANGABA, Fábio Araújo; PORANGABA, Sandra de Souza Menezes; MENESES, Silvane de Souza. **A importância do lúdico na educação infantil**. Disponível em: <<http://www.lambaridoeste.mt.gov.br/secretarias/educacao-e-cultura/artigos-dos-professores/59/view/672>>. Acesso em: 07 set. 2017.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de Formação: quando as memórias narram à história da formação**. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proe>>. Acesso em: 1º out. 2017.
- SILVA, M. **Complexidade da formação de professores: saberes teóricos e saberes práticos** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 114p. ISBN 978-85-98605-97-5. Available from Scielo Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 15 out. 2017.

TEMER, A. C. R. P., SANTANA, M. J. S. **Educação e Comunicação em Paulo Freire: Reflexões sobre jornalismo de serviço à luz do pensamento freireano.**  
Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/8/8.pdf>>.  
Acesso em: 20 out. 2017.